



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

NARRATIVAS E DESVELAMENTOS: A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN VÍTIMA DO *BULLYING*

Marta Martins Meireles¹
Maximiano Martins de Meireles²

Educação e Inclusão Social

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Curso Pós-Graduação a nível de Especialização em Educação Especial/UEFS. O escopo é refletir sobre as histórias de vida de sujeitos que vivenciam situações de *bullying* na escola e que desvelam em suas narrativas as repercussões desse fenômeno na sua constituição identitária. A pesquisa fundamentou-se em uma investigação de cunho qualitativo, pautada na abordagem das narrativas de vida como perspectiva metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de coleta de informações. As narrativas apresentadas são de três jovens/adultos com Síndrome de Down que estão inseridos em escolas regulares. As narrativas nos permitem afirmar que a constituição do sujeito se dá na relação com o outro, num processo de enfrentamento do *bullying* como possibilidade de se manter firme na vida e na escola.

Palavras-chave: Síndrome de Down. *Bullying*. Identidades.

Abstract: This work is a result of research carried out in the Course Graduate-level specialization in Special Education / UEFS. The scope is to reflect on the life stories of individuals who experience bullying at school and in their narratives that reveal the impact of this phenomenon in their identity construction. The research was based on a qualitative research based on the approach of life narratives as a methodological perspective and narrative interview as a tool for gathering information. The narratives are presented in three young people / adults with Down syndrome who are in regular schools. The narratives allow us to state that the constitution of the subject is given in relation to the other, a process of coping with bullying as a possible stand firm in life and in school.

Keywords: Down syndrome. *Bullying*. Identities.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho buscamos tecer reflexões e algumas ideias sobre a constituição da identidade de pessoas com Síndrome de Down(SD) vítimas de *bullying*³ inseridas em escolas regulares. Estas pessoas, historicamente, foram aprisionadas em rótulos, ideologicamente produzidos e repassados pela sociedade e pela cultura. A trajetória de vida dessas pessoas com SD, quiçá, por apresentarem características significativamente diferentes das demais pessoas, geralmente, tem sido marcada pela discriminação, rejeição e pela legitimação dos discursos preconceituosos produzidos pela sociedade. Estas atitudes de exclusão fazem parte do fenômeno chamado *bullying*⁴.

Com a diversidade de sujeitos e a inclusão das pessoas com deficiência no contexto escolar, inclusive as pessoas com SD, essas agressões se tornam cada vez mais presentes, pois as “diferenças” são utilizadas como pretexto para o preconceito e a discriminação. Dessa maneira, esses estudantes são rotulados, excluídos e marginalizados, tornando-se alvos dos agressores. Sobre essa questão, é relevante o que diz Fante (2005), [...] o *bullying* começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, das mais diversas ordens, envolvendo religião, raça, deficiência; ou pode ser uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou ainda está atrelada a aspectos como, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2005).

A SD foi associada, por um longo tempo, à condição de inferioridade. Mesmo depois de muitas descobertas, do conhecimento acumulado sobre a síndrome através informações acessíveis, o estigma⁵ ainda está presente e influencia a imagem, as atitudes e a interação com essas pessoas. A presença de sinais físicos visíveis que diferenciam e, por isso, depreciam o sujeito (estigma), implica a maior ocorrência de reações de não-aceitação ou rejeição por parte das outras pessoas (GOFFMAN, 1988). Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as histórias de vida de sujeitos que vivenciam situações de *bullying* na escola e as repercussões desse fenômeno na sua constituição identitária.

A (PESSOA COM) SÍNDROME DE DOWN E O *BULLYING* NA ESCOLA

Este estudo não tem o intuito de enfatizar as características físicas, as possíveis limitações, nem a configuração genética da pessoa com SD. No entanto, antes de discutir sobre a construção de sua identidade, um dos focos principais deste trabalho, consideramos relevante trazer, de forma breve, algumas informações e reflexões sobre os aspectos apresentados pela pessoa com SD e algumas questões referente ao fenômeno *bullying*.

A Síndrome de Down é uma anomalia genética, um desequilíbrio na constituição cromossômica causado pela presença de um cromossoma extra no par 21, por isso é conhecida também como trissomia 21 ou trissomia simples. Segundo Schwartzman (1999), o cariótipo 47, XX, + 21 ou 47, XY, + 21 está presente em cerca de 95% dos casos da composição cromossômica das pessoas com Síndrome de Down. Frequentemente essa trissomia do cromossomo 21 resulta em características físicas, sensoriais e cognitivas marcantes, incluindo o fenótipo clássico, a deficiência mental, com consequente atraso do desenvolvimento, sendo muito visível no campo linguístico, com alterações motoras e orgânicas que comprometem diretamente o desenvolvimento dessa população (SCHWARTZMAN, 1999).

Dentre as características fenotípicas dessa síndrome destaca-se o tônus muscular baixo, denominado de hipotonia, geralmente o tônus muscular baixo afeta todos os músculos do corpo, o que pode comprometer os movimentos, a força e o desenvolvimento de algumas habilidades. Outras características fenotípicas envolvem: aparência arredondada da cabeça; pescoço curto; os olhos podem parecer inclinados para cima (fissuras palpebrais oblíquas); também podem ter pequenas dobras de pele, chamadas de pregas epicânticas, nos seus cantos internos; boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua; as mãos e os pés podem ser menores e seus dedos podem ser mais curtos; única prega na palma da mão e baixa estatura.

São inúmeras as características presentes na SD, no entanto, nem sempre a criança com esta síndrome apresenta todas elas, algumas podem apresentar poucas, enquanto outras podem mostrar a maioria dos sinais da síndrome. É importante destacar também que, apesar de possuírem alterações fenotípicas semelhantes, as pessoas com SD diferem entre si dos aspectos gerais do desenvolvimento como: linguagem, motricidade, socialização e habilidades da vida diária (PIMENTEL, 2007).

A escola favorece um ambiente propício para o desenvolvimento de aprendizagens e possui papel fundamental na socialização. Nela as crianças, adolescentes/jovens passam grande parte do seu tempo e experienciam situações das mais diversas. Nesse espaço de interação, a criança/jovem entra em contato com o outro que dela pode se diferir em costumes, características individuais e interesses, ou mesmo se assemelhar em necessidades, aspirações, capacidade de sentir e se desenvolver; é um espaço heterogêneo, no qual os sujeitos se relacionam, interagem, trocam experiências, dialogam; espaço onde estão presentes também a competição, rivalidade, aprendizagem, descoberta do novo, entre outras coisas.

Por outro lado, algumas relações estabelecidas na escola são muitas vezes marcadas por violências, ofensas, agressões, exclusões, o que caracteriza o fenômeno *bullying*. O processo de vitimização ou *bullying* é considerado como uma subcategoria de comportamento agressivo que se refere a um processo de interação grupal na qual se identifica um agressor (líder), um grupo de seguidores (reforçadores) e uma ou mais vítimas, que são excluídas da interação social (LISBOA, 2005).

O fenômeno *bullying*, caracterizado como uma forma de violência escolar, intencional e repetida, tem sido, sobretudo nos últimos anos, foco de estudos de pesquisadores nacionais e internacionais (Dan Olweus, 1993, Constantini, 2004, Neto e Saavedra, 2004, Fante, 2005, Guareschi, 2008, entre outros). O *bullying* trata-se,

[...] de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (CONSTANTINI, 2004, p.69).

A prática do *bullying*, ao interferir negativamente sobre os envolvidos na realidade escolar, compromete a identidade da escola como lugar de socialização positiva e espaço significativo para os estudantes, gerando assim, desempenhos insatisfatórios, falta de concentração e de interesse pelos estudos, conflitos negativos, incapacidade de se relacionar com os colegas e níveis elevados de evasão escolar. Os sujeitos com Síndrome de Down que sofrem com discriminação, preconceito, rejeições, humilhações, também poderão acabar deixando a escola se não encontrarem o apoio necessário para transpor tal contexto.

Nesse contexto, a pessoa com SD, sofre atitudes de desrespeito, discriminação e descréditos que poderão incidir no seu desenvolvimento, visto que, a exemplo de qualquer outra pessoa, esse processo está atrelado a aspectos cognitivos, afetivos, entre outros, e cada um desses aspectos, em conjunto com a família, a escola e o entorno social, se inter-relacionam e se constituem de forma mútua.

QUESTÕES METODOLÓGICAS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamentou-se em uma investigação de cunho qualitativo, pautada na abordagem das narrativas de vida como perspectiva metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de coleta de informações. As

narrativas apresentadas são de três jovens/adultos⁶ com Síndrome de Down que estão inseridos em escolas regulares. Apresentamos, a seguir, os sujeitos que colaboraram para a constituição dessa investigação.

Mariana

Mariana tem 14 anos e é uma adolescente vaidosa, frequentadora do salão de sua mãe. Ela se preocupa com os cuidados do cabelo, com a maquiagem, com a escolha de suas roupas e dos acessórios, gosta de passear, de shopping, de parque de diversão e adora viajar. Durante as entrevistas Mariana mostrou com orgulho as fotos das viagens com a família e falou sobre cada uma delas. Mariana também gosta de gastar seu tempo livre brincando com as colegas ou assistindo TV. Sua mãe é cabeleireira e seu pai é professor na escola em que Mariana estuda. Sua mãe considera que o retardo no desenvolvimento de Mariana é leve e diz que ela não tem dificuldade de memória, apenas tem uma pequena dificuldade de linguagem.

“Se ela for em lugar ela lembra, lembra das pessoas, ela tem o retardo assim pouco, bem pouco. Eu faço ela participar de tudo na sociedade, eu procuro levar ela pra tudo. Até mesmo os médicos já me disseram que ela tem o retardo bem leve, só a fala que pega um pouquinho, e olhe que ela fez fono oito anos, mas depois com meu outro filho, eu parei as sessões.” (Mãe de Mariana)

Apesar de ter começado sua trajetória escolar desde cedo, a escola parece não conseguir trabalhar suas potencialidades, fazendo com que Mariana permaneça vários anos na mesma série. Hoje ela ainda está cursando o 1º ano do ensino fundamental em uma escola particular. Mariana mora no centro da cidade.

Clara

Clara é uma jovem de 20 anos, que passa a maioria do tempo sozinha e fazendo tarefas de casa, mas também gosta de passear e viajar. É uma garota com sonhos e aspirações: Quer concluir os estudos, Quer fazer faculdade e trabalhar em novela. E enxerga a escola como uma possibilidade de realizar seus sonhos.

“Eu passei de ano, 1ª série, depois 2ª série, depois daqui uns dias eu tô formando, fazer faculdade, eu quero fazer faculdade, trabalhar na novela, fazer formatura” (Clara).

Clara demonstrou durante a conversa que é uma jovem bem desenvolvida, tem uma boa memória, organiza bem as idéias e narra com facilidade os fatos de sua vida e ainda se mostra convicta do que quer para seu futuro. Mesmo assim, em relação à escola, Clara tem uma história marcada pelas repetências, vários anos na mesma série e isso a deixa desanimada. Mesmo assim Clara tem boas expectativas em relação a sua vida na escola.

“Sabe, lá na escola eu gosto muito dos professores (diz os nomes dos professores da escola), é bom, eu gosto da escola pra aprender a ler, eu pego as revistas e fico lendo, lendo, sabia? Eu não sei ler tudo, mas eu vou aprender na 1ª série, aí eu vou passar de ano e passar de novo e fazer faculdade. É isso” (Clara).

Hoje Clara está feliz por ter passado para 1ª série e acredita no seu crescimento e na sua emancipação.

Miguel

Miguel vive em uma localidade da zona rural do município de Serrinha, a 18 km da sede. Ele e a família enfrentam dificuldades para ir ao médico, e freqüentar o Centro de Apoio Pedagógico toda semana. Mesmo assim, a mãe e o pai de Miguel se sentem felizes com os atendimentos realizados pela instituição e gostariam que fosse mais vezes. O pai é agricultor e trabalha na roça que pertence à própria família. A mãe trabalha como servente em uma escola municipal onde Miguel estuda. A escola fica em uma fazenda próxima a sua casa.

Miguel é um adolescente agitado, tem 14 anos e está cursando o 3º ano do ensino fundamental. Gosta de estudar e fala com orgulho da escola e dos professores. Adora animais e por isso acompanha seu pai nos afazeres da roça, conhece cada cantinho do lugar onde morra. Também gosta de passear e fazer novos amigos.

REPERCUSSÕES DO BULLYING NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN

A compreensão acerca da constituição identitária da pessoa com SD é de certa forma uma discussão complexa, pois se trata de um processo que numa relação dialógica cruza o individual com o social. Nessa perspectiva, essa discussão é inscrita na perspectiva Socio-Histórico-Cultural, principalmente no pensamento de Vygotsky (2001), que argumenta que os seres humanos constituem-se socialmente através das interações vivenciadas em seu meio social.

Ao vivenciar as experiências socialmente constituídas, o indivíduo apropria-se dessas experiências, o que contribui para a construção da identidade, para sua subjetividade. “[...] a subjetividade não existe *a priori*, mas concretiza-se no processo de internalização, evidenciando que o desenvolvimento acontece de modo partilhado.” (KASSAR, 2000, p.44). “Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que não é evidentemente mais que uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2004, p. 262).

Cada sujeito traz consigo uma herança cultural significativa, repleta de experiências e aprendizados, valores e características, de uma sociedade que está sempre em movimento, e esse sujeito acompanha essa dinâmica, demonstrando sua incompletude, sendo a presença do outro condição imprescindível na constituição da identidade e “como as relações são sucessivas e infinitas, não se tem nunca um sujeito absoluto” (CAMARGO, 2000, p. 27).

Nesse contexto, pode-se afirmar que as relações que vão sendo estabelecidas entre os sujeitos acabam produzindo mudanças em cada indivíduo, o que pode favorecer o processo de consciência de si e a constituição de sua própria identidade. “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (VYGOTSKY, 2001, p.33).

Assim, “o modo como as pessoas se vêem [...] ou significam sua existência também se dá circunscrito socialmente, na tensão entre diferentes vozes, que aos poucos vão encontrando ou não ressonância no indivíduo” (KASSAR, 2000, p. 44).

Portanto, ao vivenciar as experiências socialmente constituídas, o sujeito apropria-se dessas vivências, o que colabora para a construção da sua identidade. Sendo assim, é possível dizer que a construção da identidade da pessoa com SD vai se constituindo por meio da própria experiência e da imagem de si percebida por si mesmo e pelos outros. E quando a imagem construída pelo outro é uma imagem depreciativa, estigmatizada, poderá acarretar em uma confusão entre o que os outros pensam sobre a pessoa e o que a pessoa de fato é.

Nas narrativas de Mariana⁷ esse conflito fica evidente,

“(diz o nome) também fica perturbando, sabia? Os meninos lá xinga outro, diz que eu sou feia e louca, chata, fala vá pra (pronuncia o xingamento), é xinga outro” (Mariana).

Pesquisador: “Então ele te chama de louca? E você se acha assim?”

Mariana não responde e faz expressão de não saber. Então insistimos na questão: você se acha feia e louca? É isso? E Mariana demonstrando certa confusão responde:

“É, acho que sou, devo ser” (Mariana).

Percebendo o conflito interior na fala acima, decidimos continuar com as questões que dizem respeito à imagem de si construída por Mariana através do olhar do outro, que a vê de maneira preconceituosa, estigmatizada. Então, conte para mim como é a Mariana, como você se vê?

“Eu? Bonita!” (Mariana).

Pesquisador: “Então você não se acha feia e louca?”

“Não. Eu? Às vezes. Quando eu me olho no espelho eu às vezes me acho feia e chata, eles xingam Mariana de chata, feia o tempo todo” (Mariana).

A fala de Mariana revela um conflito interior entre o que os outros pensam e o que ela mesma acredita. Retomemos então a discussão de Goffman (1988), quando trata da divisão da identidade em “pessoal” e “social”. Segundo o autor, a “identidade pessoal” diz respeito às marcas positivas e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo na construção de sua identidade. O que o faz singular e diferente dos demais. Já a “identidade social” está vinculada ao tipo de papel que o indivíduo é capaz de sustentar, sendo formada pelo total de atributos e categorias que as pessoas possuem. Essa identidade, por sua vez, se subdivide em “identidade social virtual”, aquela dada pelo outro e a “identidade social real” que se refere às categorias e atributos que o sujeito, realmente possui.

Ao tratar dessa questão com a mãe de Mariana, pergunto se ela atribui o tratamento dado na escola por alguns colegas ao fato de Mariana ter Síndrome de Down, e ela afirma,

“É, sim, porque as vezes acham que uma adolescente quem tem SD como Mariana, não tem o mesmo papo, não sabe direito das coisas, e olhe que Mariana é até mais velha do que a maioria deles, mas acham assim, que os

interesses são outros, que ela não tem capacidade pra certas coisas” (...) “Assim, é como eu tô te falando, eu acho Mariana bem resolvida, e eu também não deixo passar nada aqui em casa. Ela é uma menina ótima, eu sempre tratei Mariana normal desde criança, com alguns cuidados a mais é claro, tanto é que eu demorei oito anos pra ter outro filho, e assim eu não deixo passar nada pra ela, se ela sentir falta de algum coleguinha, eu tento amenizar, pra poder ela ficar. Eu fico sempre presente pra ela não senti falta, pra ela não se sentir inferior, mas existe esse isolamento, existe coleguinhas, por exemplo, da escola que conviviam com ela aqui em casa, e hoje não ligam mais pra ela, se afastaram, não tem mais afinidade com ela” (Mãe de Mariana).

As características físicas, comportamentais, ou emocionais, podem tornar o sujeito mais vulnerável às ações dos autores de bullying e dificultar a sua aceitação pelo grupo. No entanto, conforme se discutiu anteriormente nas palavras de Pimentel (2007), o estigma atribuído às pessoas com SD não se limita apenas as suas características físicas visíveis, mas como no caso de Mariana diz respeito principalmente ao quadro de deficiência mental associado. De acordo com a autora, essa condição de desvantagem intelectual traz consigo o estigma da inferioridade, da incapacidade, da discriminação, situações enfrentadas pelos sujeitos da pesquisa.

“Quando os meninos me chamam de aranha, perna torta, eu fico triste, eu fico nervoso, com raiva, eu fico assim ó (Miguel diz com gestos que fica tremendo). Aí sabe o que eu faço? Eu choro. Eu fico nervoso eu quero bater neles. Os meninos me segura, porque se não eu quero bater. Eles me xingam, me dá bolada, dizem que eu não sei de nada, só porque eu sou assim” (Miguel).

No seu relato Miguel também sinaliza que as situações de bullying acontecem por conta da Síndrome de Down, então pergunto: Então você acha que eles tratam você assim por que você tem Síndrome de Down?

“É por que eu não sei brincar direito” (Miguel).

Pesquisadora: “Mas, você sabe que tem Síndrome de Down?”

“Sei! Não sei como é, mas eu sei que eu tenho, e eles também sabem que eu tenho. Ficam dizendo que eu sou ruim da cabeça” (Miguel).

Fica evidente novamente que as situações de bullying, sobretudo de rejeição enfrentada pelos sujeitos colaboradores se devem ao fato de possuírem Síndrome de Down, de possuírem características visivelmente “diferentes” dos demais colegas. A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Durante a construção das narrativas, os sujeitos aos poucos vão revelando que os atos de *bullying* têm influência direta em sua constituição identitária, uma dessas repercussões é o afastamento do convívio social entre seus pares, fazendo delas pessoas desejosas pelo isolamento. “As ações realizadas por intermédio do *bullying* são verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento [...]” (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

“Quando acontece essas coisas comigo, eu as vezes não sinto nada, às vezes eu fico triste, às vezes alegre, pulando, sorriso. Mas eu fico mais é triste, dá saudade de casa. Outro dia a (cita o nome) bateu minha cabeça no portão. E tem outra pessoa que bate a minha cabeça. Aí eu brinco sozinha, eu falo sozinha...eu fico andando de um lado pro outro, me dá agonia na cabeça, na cabeça minha. Aí eu brinco sozinha, eu falo só, eu fico sozinha, por causa de minha cabeça” (...) “Lá em casa eu fico, lavar os pratos, varrer a casa, fazer café. Eu fico sozinha, quando minha mãe sai pra trabalhar, ela quer me levar pra casa da tia (cita o nome), da tia (cita o nome de outra tia), pra eu ficar lá com meus primos, mas eu não quero ir, eu pego minhas revistas, eu fico sozinha, pego minhas revistas e fico olhando tudo, olhando, escrevo, escrevo, fico sozinha” (Clara).

Assim como Clara, Mariana tem tido atitudes de isolamento e sobre esse aspecto, sua mãe afirma que tem percebido em seu comportamento um desejo de ficar sozinha. Então indaguei: E você acha que ela sente falta do convívio como pessoas da mesma idade, de amizade?

“Sentir eu acho que sente. Inclusive uma coleguinha daqui da rua também tá se afastando mais dela, brinca mais com meu menino que com ela. E aí eu tenho achado Mariana mais assim direcionada pra televisão. Entendeu? Tem procurado fazer outras coisas, aí ela dá um jeito de ficar sempre isolada, passa o dia escrevendo, escrevendo, pintando, entendeu?” (Mãe de Mariana).

Estes relatos confirmam a discussão dos autores elegidos nesse estudo, as marcas deixadas pelo *bullying* são intensas, podendo desestruturar áreas de sua vida, principalmente relacionadas à auto-estima e socialização. Experienciar o *bullying* tem consequências negativas imediatas e implicações a longo prazo [...] podendo gerar dificuldades sociais, emocionais e acadêmicas, que estão diretamente relacionadas à frequência, duração e severidade dos atos de *bullying* (LOPES NETO 2005; FANTE, 2005).

Outra questão que veio a tona por meio das narrativas foi o sentimento de medo vivido por Clara. Após uma escuta respeitosa sobre as perturbações, as agressões e as atitudes preconceituosas sofridas na escola, pergunto a Clara se ela já pensou em contar para sua mãe ou seu pai. A resposta de Clara é cheia de aflição. Visivelmente inquieta ela diz,

“Não, não quero. Pra ela não descobri, eu tenho medo que minha mãe fique sabendo, e fique pior, deixa pra lá. Não digo nada, não digo nada, nada. Fico calada, por que eu não quero que ela fique sabendo, e se ela não deixar eu ir pra escola, pior pra mim, pior que tudo, entendeu?” (Clara).

Na fala de Clara, ela teme ter que ficar sem estudar, mesmo com as experiências negativas. Isto acontece porque ela coloca uma série de boas expectativas na escola, acredita que só é capaz de crescer na vida se estudar. Mas demonstra que tem sofrido sozinhas as amarguras do *bullying*, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. O sentimento de medo leva a “lei do silêncio”. As vítimas se sentem ameaçadas e quase sempre não revelam nada do que acontece, o que alimenta ainda mais a dinâmica do *bullying*.

Os relatos a seguir são depoimentos das mães de Miguel e Mariana. Esses depoimentos mostram como as situações de *bullying* experienciadas no cotidiano da escola, tem também influenciado no comportamento dos dois.

“Pra você ter uma ideia ele fica tão agitado, tão nervoso, que eu tenho que pedir pra levar ele embora. E coisa é aqui em casa ele tem ficado muito nervoso ultimamente com essas coisas que acontece na escola. Ele diz: “minha mãe quando eles me abusar a gente vai se juntar e bater neles”. Então eu digo: “não meu filho, não é assim não”, mas eles perturbam mesmo, é tão de um jeito que eu falei agora com a secretária (de educação) que ela quer fechar a escola, e mandar eles pra outra escola em outra localidade, e lá a escola é maior, os meninos são pior ainda, porque pelo menos na que eles estão agora é uma sala só e mais pouco os alunos pra labutar. É melhor! foi isso que eu falei com a secretária: se tiver que mandar ele pra outra escola eu prefiro até que ele fique sem estudar porque não vai aprender mesmo, vai ficar pior mais nervoso ainda, porque lá os meninos levam até faca pra ameaçar os outros, leva tesoura, a escola grande quando pensa que não dá tempo nem de um funcionário reagir, e aí Deus sabe como é que pode ser. Lá nesse colégio quando nada os alunos são mais

pouco. Quando eu reclamo eles param e lá vai juntar três escola e vai ficar muito aluno. Eu sei que pra ele é bom ter muito menino pra brincar, ficarem ali junto, mas isso é quando sabe brincar, mas hoje em dia esses meninos não sabem mais brincar não, na hora que ta brincando já ta machucando uns aos outros” (Mãe de Miguel).

“[...] eu tento deixar que não passe nada pra ela. Ela é assim alegre, agora de uns tempos pra cá, eu tô achando ela assim mais nervosa, mais embirrenta, fica me pirraçando, ela me pirraça mesmo, entendeu? Nervosa, inquieta, acho que por isso e, não sei, por causa da idade também” (Mãe de Mariana).

Diante das discussões a respeito das trajetórias de vida escolar, as vivências de *bullying* e suas implicações na construção da identidade da pessoa com SD, é oportuno destacar que as narrativas tecidas por esses sujeitos revelam que as consequências do bullying afetam sobremaneira a vida de cada um, causando prejuízos no convívio social e de aprendizagem, comprometendo muita vezes a saúde física e emocional, principalmente pelo fato de serem vítimas das atitudes agressivas. Com isso se sentem excluídos, sozinhos, comprometendo o processo de formação de sua identidade, tendo sua auto-estima rebaixada, causando medo e ansiedade, sentindo-se inseguras e desprotegidas.

De acordo com a literatura o *bullying* pode trazer várias implicações para vida dos envolvidos, sobretudo para as vítimas. A prática do *bullying*, ao interferir negativamente sobre os envolvidos na realidade escolar, compromete a identidade da escola como lugar de socialização positiva e espaço significativo para os estudantes, gerando assim, desempenhos insatisfatórios, falta de concentração e interesse pelos estudos, conflitos negativos, incapacidade de se relacionar com os colegas, entre outras coisas. As narrativas a seguir revelam que, embora enfrentando situações de *bullying*, os sujeitos são capazes de reconstituir-se e traçar sua vida com desejos e sonhos.

“Um dia eu quis sair da escola. Por quê? Porque (menciona nomes de colegas) fica me pirraçando (nomes de outros colegas) aí sinto vontade de não ir pra escola, eu não digo isso a ninguém por que eu quero estudar” [...] “Quando acontece essas coisas comigo, eu as vezes não sinto nada, às vezes eu fico triste, às vezes alegre, pulando, sorriso. Mas mesmo quando eu tô triste, aí eu vou pra casa. (...) “Lá em casa eu fico, lavar os pratos, varrer a casa, fazer café. Pego minhas revistas e fico olhando tudo, olhando, escrevo, escrevo, fico sozinha e pensando que eu quero ser atriz, eu vou ser atriz sabia? Vou estudar, trabalho, filhos, eu vou” (Clara).

As falas revelam falta de vontade de ir à escola, dificuldades em interagir com outras pessoas por conta das situações de *bullying* vivenciadas escola, mesmo assim, Clara

não quer correr o risco de ficar sem estudar, uma vez que vê na escola a possibilidade de construção de uma carreira acadêmica de sucesso. Embora com uma história escolar de repetências e de vitimação, Clara tem boas expectativas em relação à sua vida na escola, na profissão, nos projetos futuros e acredita no seu crescimento e na sua emancipação.

A narrativa de Clara, bem como outras socializadas nesse escrito, nos permitem assegurar, de algum modo, que a constituição do sujeito se dá na relação com o outro, e mesmo que essas relações sejam marcadas pelas situações de *bullying*, pelos preconceitos e discriminações, esses sujeitos criam expectativas de futuros, de sonhos, buscam oportunidades, constituem-se como sujeitos autônomos, desafiando os prognósticos e fazem a cada dia tentativa de superação de questões que a sociedade insiste em considerar intransponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre as histórias de vida de sujeitos que vivenciam situações de *bullying* na escola e que desvelam em suas narrativas as repercussões desse fenômeno na sua constituição identitária

O estudo evidenciou que as pessoas com SD inseridas na escola regular quase sempre são vítimas de preconceito manifestado pelos xingamentos, perturbações, pelas agressões verbais e físicas, apelidos pejorativos, ameaças e rejeição. Essas agressões se caracterizam como *bullying*, pois são repetitivas e envolvem uma relação de poder, principalmente no que diz respeito às diferenças apresentadas pelas pessoas com Síndrome de Down.

Apoiada nas narrativas dos sujeitos colaboradores foi possível conhecer/compreender como o *bullying* se constitui um fenômeno cruel, sutil e perverso, capaz de deixar marcas profundas de sofrimento naqueles que o vivenciam. Diante das discussões a respeito das trajetórias de vida escolar e das vivências de *bullying*, é importante ressaltar que as narrativas tecidas por Marina, Clara e Miguel revelam que as consequências do bullying afetam a vida de cada um, causando prejuízos no convívio social e de aprendizagem.

É oportuno ressaltar que durante a investigação foi possível perceber que mesmo vivenciando situações de *bullying*, no ambiente escolar, os colaboradores se mostraram pessoas desejosas de estar na escola. No entanto, esse desejo vem acompanhado pelo desejo de ter amigos, de estudar em um ambiente onde haja respeito e alegria.

As histórias aqui contadas revelam sujeitos que apesar de vivenciarem situações que interferem negativamente na sua constituição identitária, trazem um desejo enorme de rupturas, de ir à busca de sonhos e aspirações, de crescer academicamente, profissionalmente, enfim, de serem felizes.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Evani Andreatta Amaral. **Concepções de deficiência mental por pais e profissionais e a constituição da subjetividade da pessoa deficiente**. Campinas, SP, s.n, 2000. Tese doutorado.

CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo? : prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Alessandro Constatini. São Paulo: Itália Nova editora, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Cleo Fante. São Paulo: Verus editora, 2005.

_____. Cleo. **Os danos do cyberbullying**. In: Revista Pátio. Número 44. Artmed, 2007-2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro – RJ: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1988.

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis da. **Bullying: mais sério do que se imagina**. Pedrinho Guareschi. Michele Reis da Silva. Porto Alegre: Edipuc/RS, 2008.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Marcas da história social no discurso de um sujeito: Uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência**. Caderno Cedes, ano XX, nº 50, abril/2000.

NETO, LOPES. A. A. **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de pediatria, v. 81, n. 5. Porto Alegre, nov. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf>

LISBOA, Carolina S. de M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: www.lume.ufrgs.br

PIMENTEL, Susana Couto. **(Con) viver (com) a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. (Tese de Doutorado), Salvador, 2007.

SCHWARTZMAN, José Salomão. (Org.) **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. 197

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. L.S. Vygotsky. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹ Especialista em Educação Especial – UEFS. Pedagoga/UNEB; e-mail: marta.linci@hotmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação - UEFS; Bolsista CAPES. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Pedagogia Universitária/NEPPU; Especialista em Educação Especial - UEFS; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional - Realiza-Pós; Graduado em Letras – UNEB; e-mail: maxymuus@hotmail.com.

³ A opção por trabalhar com o termo *bullying* se deu por considerar um conceito específico, bem definido, e que por conta disso não se deixa confundir com outras formas de violência, pois apresenta características próprias, como: comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos. Por ser considerado um assunto novo, estudado há pouco tempo, pois, as primeiras pesquisas são da década de 1990, cada país deve encontrar uma palavra em seu próprio vocábulo que se refira a este conceito, tendo o mesmo significado. De acordo com Fante (2005), o Brasil adotou exatamente o termo que é utilizado na maioria dos países de língua: *bullying*.

⁴ A palavra *bullying* se origina da palavra inglesa *bully* que pode ser designada como verbo sendo traduzido como tyrannizar, brutalizar, amedrontar, ou ainda, ser designada como substantivo, traduzido como valentão, tirano.

⁵ [...] o estigma seria a situação na qual o indivíduo está “inabilitado para a aceitação social plena.” (GOFFMAN, 1988, p.7), e ainda evidenciaria um atributo depreciativo, referindo-se a uma “pessoa estragada ou diminuída” (GOFFMAN, 1988, p.12).

⁶ Além das narrativas dos sujeitos da pesquisa, contamos com a colaboração de duas mães, as quais demonstraram e solicitaram participação na pesquisa.

⁷ Neste trabalho, os adolescente/jovens foram identificados por nomes fictícios, com o objetivo de preservar a real identidade dos sujeitos.